

Visitar a exposição *Não vejo um Boi*, de Flávio Andrade e Cristina H. Melo, é, de certo modo, como ir a um concerto cujo programa inclua obras dos séculos XIX e XX. Ou, para ser mais exacto, um concerto cujo programa seja baseado em obras de dois compositores do século XX, sendo, porém, um deles pertencente à corrente estética que a História regista com o nome de Neoclassicismo. Não é que Cristina H. Melo seja Sergei Prokofiev, o autor da famosa *Sinfonia Clássica*, e Flávio Andrade seja Stravinsky, autor da não menos famosa *Sagração da Primavera*.

Cristina H. Melo é claramente clássica na forma como compõe os seus temas no *quadro* e no arranjo *linear* que quis dar às suas fotografias na *parede*. Daí resulta ser o olhar do visitante conduzido por uma linha cuidadosamente desenhada ao nível dos olhos de um adulto de estatura média. A variável *espaço* é assim reduzida ao mínimo: mínima variação, mínima dispersão, esforço mínimo de quem percorre a linha; tudo organizado de modo a convidar o visitante a concentrar toda a sua atenção nos *quadros*, um antes do outro, um após outro, sempre em linha recta...

Flávio Andrade situa-se nos antípodas de tudo isto. No modo de expor não só recusa a linearidade na parede, como a subverte por completo à custa da enorme disparidade nas dimensões das provas e da sua dispersão pela grande superfície branca, de cima para baixo, de baixo para cima, traçando diagonais e mais diagonais, obrigando o visitante a procurar, ou inventar, com não despendendo esforço da cervical, pontos de contacto, interligações, diálogos, enfim, elementos de *raccord*, para usar a consagrada expressão da linguagem das imagens em movimento... A metáfora do *puzzle* com todas as peças baralhadas também se aplica.

FA gosta do conceito *desconstruir*, que lhe ouvi ainda agora, em conversa aquando da inauguração. Percebe-se e sente-se o jogo de *desconstrução* mal se entra na sala.

Do ponto de vista do *conteúdo*, palavra pobre, é certo, para designar a *essência* dos *objectos* que estão dentro do quadro, as coisas são bastante mais complexas. Entrando novamente pelo lado da Composição, entendida como o *lugar* que cada um dos elementos do assunto ocupa no quadro, bem como os jogos de relacionamento entre eles, CHM é, pois, claramente clássica. *Lei dos Terços, Secção de Ouro* vê-se que presidem à organização da matéria, de modo a oferecer ao olhar um *arranjo confortável*, previsível, assim como os compositores neoclássicos vão ao encontro do ouvido musical do melómano que não assimilou as dissonâncias que entraram na Arte dos sons no dealbar do século XX. Trata-se do *como*. O *quê* é outra coisa. Aí CHM abandona um certo conformismo com as boas regras e parte para um exercício de liberdade, que se alimenta do sonho e se projecta no voo... Aí, é clássica, é barroca, é romântica, é neoclássica, é onírica, é moderna e é contemporânea. Perante as imagens sofisticadamente construídas de CHM, não podemos deixar de pensar que estamos perante *o manto diáfano da fantasia* que se sobrepõe à *nudez crua da verdade*, parafraseando Eça de Queiroz na sua obra *A Relíquia*.

E de novo apetece dizer que Flávio Andrade se situa nos antípodas da linguagem e da estética de CHM. As fotografias que expõe na *Casa da Avenida* Galeria, em Setúbal, são cruas e dificilmente nelas vislumbraremos qualquer manto que lhes suavize a crueza. Por isso não tenho dúvidas em afastá-las da tradição e em vê-las claramente inseridas nos novos caminhos que a Fotografia se esforça por desbravar ou por abrir...

Em *A Estranha Ordem das Coisas*, António Damásio recorre a um conceito muito feliz, a meu ver, para explicar a evolução da Vida, desde os organismos *primitivos* até à enorme complexidade do corpo e da mente humanos. A esse conceito, o famoso cientista chama *mapeamento*.

Ao passo que ao percorrer as fotografias de CHM, me ocorreu o pensamento, quase um aforismo, queirosiano, perante o trabalho de FA assaltou-me o conceito de *mapeamento*, de Damásio. Não é que CHM, também ela, não mapeie o mundo no qual se move. Cada ser vivo, desde o mais simples ao mais complexo, e desde sempre, o faz. Mas em FA o mapeamento apresenta-se como quase (se não totalmente) uma obsessão, que facilmente nos leva a um outro conceito: *inventário*. Aliás, *inventário* é uma categoria que tenho encontrado em alguns textos ensaísticos sobre a Fotografia e que vejo colado a alguns *fotógrafos*. Um deles, meramente a título de exemplo, Artur Pastor (1922 - 1999).

No modo de construir as suas fotografias, isto é, na composição do assunto dentro do *quadro*, FA assumidamente corta com regras que conhece muito bem porque, declaradamente, o que lhe interessa é *desconstruir* o mundo, tal como a criança que, farta da aparência opaca do brinquedo que lhe põem nas mãos, de imediato passa à fase seguinte, que é responder à pergunta que queima: *como será isto por dentro?* Assim, diria que FA, ao invés de nos oferecer uma réplica do óbvio, prefere oferecer-se a si próprio, e a nós, uma *prova* da sua descoberta, quando não da sua invenção!

Não é sem razão, nem terá sido por acaso, que escolheu, para epígrafe, este desafiante, quase provocatório, pensamento do poeta Manoel de Barros, que podemos ler na Folha de Sala: *Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário.*

José Moraes

Paço de Arcos, 10.03.2019